

O CONFLITO EM GAZA E AS DISPUTAS SOBRE HIDROCARBONETOS ENTRE ISRAEL E LÍBANO

Por Giuseppe Gagliano*



Plataforma no Leviathan, maior campo de gás offshore de Israel (AzmanMD/Shutterstock).

A guerra em Gaza não é um conflito isolado, mas parte de um contexto muito maior que inclui segurança energética, diplomacia e estabilidade regional no Oriente Médio, com amplas repercussões para além das fronteiras nacionais.

Como sabemos, Israel está posicionando-se como um ator-chave no setor de energia do Mediterrâneo Oriental, graças à descoberta e exploração de depósitos significativos de gás natural, como Leviathan e Tamar. Estas jazidas transformaram o país, de antigo importador de gás a um exportador emergente, com implicações econômicas e políticas significativas.

Até 2008, Israel dependia fortemente das importações de gás do Egito, mas a situação mudou com a descoberta dos referidos depósitos. Em particular, o Leviathan, com reservas estimadas em cerca de 450 bilhões de metros cúbicos de gás, iniciou a produção no final de 2019. O Tamar, menor, mas ainda significativo, já está em produção há alguns anos. Estas jazidas prometem não só satisfazer as necessidades internas de Israel, mas também seu potencial de exportação, mudando a dinâmica energética da região.

No entanto, a transição energética do Estado judeu enfrentou um desafio, devido a uma disputa marítima sobre os direitos de exploração dos recursos naturais com seu vizinho, o Líbano. Demarcou a sua própria Zona Econômica Exclusiva (ZEE), subdividindo-a em blocos e concedendo licenças para exploração de hidrocarbonetos. O Bloco nº 9 é objeto de conflito com Israel. Tel Aviv reivindicou

uma parte deste bloco com base em um acordo marítimo com o Chipre, enquanto Beirute estabeleceu suas próprias demarcações, dando origem a uma questão em aberto relativamente aos direitos de exploração e aproveitamento.

As tensões entre os dois países têm sido constantes, com o Líbano acusando Israel de tomar ações unilaterais e expansionistas. No entanto, sob a administração Biden, foi alcançado um acordo em 2021 que poderá aliviar estas tensões. O acordo prevê uma mediação que oferece segurança econômica a Israel através da possibilidade de explorar o depósito Leviathan, enquanto o Líbano é autorizado a explorar e desenvolver o controverso Bloco 9, em troca de uma compensação pelo gás extraído dentro da sua própria zona marítima.

Apesar deste progresso, a questão da “linha azul”, a fronteira terrestre traçada temporariamente pelas Nações Unidas, continua sendo um ponto sem resposta. Isto mostra que as disputas territoriais e os recursos naturais continuam sendo fatores críticos nas relações internacionais no Mediterrâneo Oriental. A situação continua tensa, porque o potencial econômico dos campos de gás poderia servir como catalisador para a cooperação regional, mas também acentuar as tensões existentes entre os países vizinhos.

Na verdade, o conflito em curso entre Israel e a Palestina tem potencial para alterar significativamente o equilíbrio geopolítico no Oriente Médio, particularmente no que diz respeito à dinâmica energética que envolve Israel e o Líbano. A disputa sobre os hidrocarbonetos no Mediterrâneo Oriental, especificamente no que diz respeito ao campo Leviathan e às disputas sobre os direitos de exploração do Bloco 9, poderá ser influenciada de várias maneiras pelo prolongamento das hostilidades Israel-Palestina.

Em primeiro lugar, a instabilidade crescente poderá comprometer a segurança da infraestrutura energética de Israel, representando um risco para a produção e exportação de gás natural. Isto poderia levar a uma redução da confiança dos investidores e ao conseqüente impacto econômico para Tel Aviv, o que poderá enfraquecer a sua posição negocial com o Líbano.

Por outro lado, a intensificação do conflito Israel-Palestina pode levar a um fortalecimento de alianças regionais. O Líbano, enfrentando seus próprios desafios internos, poderia ser motivado a procurar uma resolução rápida para a disputa energética com Israel, especialmente se isso envolvesse benefícios econômicos imediatos para aliviar as suas tensões financeiras.

No entanto, uma escalada também poderá ter o efeito oposto, intensificando o nacionalismo e a retórica anti-Israel, complicando ainda mais as conversações. As facções que se opõem a Israel no Líbano poderiam usar a guerra atual como pretexto para perturbar as negociações ou exercer pressão para adotar posições mais duras.

É também plausível que a guerra Israel-Palestina desvie a atenção internacional da disputa energética entre Israel e o Líbano, atrasando uma resolução enquanto as potências mundiais se concentram no conflito mais imediato e suas ramificações.

Finalmente, uma maior instabilidade poderia levar a uma intervenção internacional mais decisiva, com atores como os Estados Unidos desempenhando um papel mais ativo na estabilização da região através de acordos energéticos que favorecessem a cooperação econômica, o que poderia ser visto como um antídoto para tensões crescentes.

Em conclusão, a guerra Israel-Palestina não é um conflito isolado, mas uma peça de um quebra-cabeças muito maior, que inclui a segurança energética, a diplomacia e a estabilidade regional no Oriente Médio. Suas repercussões são sentidas para além das fronteiras nacionais e a disputa sobre os campos de gás entre Israel e o Líbano é apenas uma das muitas questões que poderão ser moldadas pelo resultado deste conflito.

Publicado no [Cf2R](#).

**Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
